

OS ASPECTOS MODERNISTAS E SOCIOCULTURAIS EM MACUNAÍMA DE MÁRIO DE ANDRADE

THE MODERNIST AND SOCIOCULTURAL ASPECTS IN MACUNAÍMA BY MARIO DE ANDRADE

LOS ASPECTOS MODERNISTAS Y SOCIO-CULTURALES EN MACUNAÍMA DE MÁRIO DE ANDRADE

ROCHA, Francinalva Leite^{1,*} and ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de^{2,†}

¹UFRPE e ²UFRPE/UAST

*Graduada em Letras pela UFRPE, professora da rede municipal.

†Doutora em literatura e cultura, professora na UFRPE/UAST, pesquisadora do CNPq.

Resumo

O trabalho apresenta uma análise da obra *Macunaíma* paralelamente a uma discussão acerca do movimento modernista, observando algumas das suas características e dos seus ideais a partir da obra de Mário de Andrade. É, ainda, objetivo do estudo abordar como Mário apresenta aspectos nacionais e sociais ao tempo em que leva o leitor a refletir sobre o caráter do personagem *Macunaíma*. Nesse aspecto, observa-se o procedimento artístico do autor e a construção da trama da obra, analisa-se o propósito estético ao constituir um protagonista com tais características. Discutimos o projeto artístico-literário de Andrade a partir de aspectos como linguagem, folclore, elementos nacionalistas, aspectos atitudinais de *Macunaíma* bem como a possível expectativa do leitor em relação a obra andradeana. Para tais intentos, nos ancoramos em estudiosos tais como Candido (2001 e 2006); Proença (1987); Chklovsky (2013); entre outros.

Palavra Chave: *Macunaíma*. Projeto modernista. Aspectos socioculturais.

Abstract

This paper presents an analysis of the book *Macunaíma*, parallel to a discussion about the modernist movement, observing some of its characteristics and ideals through Mario de Andrade's work. The study also intends to approach how Andrade presents national and social aspects, which makes the reader reflect on protagonist *Macunaíma*'s character. In this context, the author's artistic process is observed together with the development of the plot, the research analyses the esthetic purpose of constructing a protagonist with such characteristics. We discuss Andrade's artistic-literary project through aspects such as language, folklore, nationalist elements, *Macunaíma*'s behavioral aspects, as well as the possible expectation of the reader in what concerns Andrade's book. To reach these goals, the paper is based on authors such as Candido (2001 and 2006); roença (1987); Chklovsky (2013); among others.

Key words: *Macunaíma*. Modernist project. Sociocultural aspects.

Resumen

El estudio investiga de qué modo las representaciones coloniales reverberan en la actuación del Estado, en sus instituciones y en lo que se refiere a las Comunidades Tradicionales de Terreiro – CTTro. Bajo un análisis bibliográfico de autores como Nicolau Parés (2018) y Gwendolyn Midlo Hall (2017), ha sido posible señalar un proceso de formación de estas representaciones negativas que, construidas hacia africanos y sus prácticas culturales en el Brasil Colonial, reverberan contra las Comunidades Tradicionais de Terreiro – CTTro, incluso en los días de hoy. Por lo tanto, hemos concluido que el Estado, con sus instituciones, actuando directamente con las CTTro, derivan en estas representaciones, violando los derechos constitucionales de estas comunidades.

Palabras clave: *Macunaíma*. Proyecto modernista. Aspectos sociales y culturales

INTRODUÇÃO

Pretende-se, com o estudo, fazer uma análise da obra modernista de Mário de Andrade, Macunaíma, discorrendo sobre alguns dos aspectos socioculturais. Outro ponto a ser tratado é a presença das características da literatura modernista, como Mário de Andrade trata esteticamente esses aspectos entre outros elementos que podem ser observados ao longo do trabalho. Entre os elementos que embasam a fundamentação teórica citamos, Proença (1987), Candido (2001, 2006); Chklovsky (2013), Martins (2002), entre outros não menos importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

O romance Macunaíma foi escrito em 1926 e publicado em 1928. Esse romance contempla a arte em voga na época, um contexto que abria espaço para a liberdade de criação do autor ao mesmo tempo que rejeitava os modelos impostos para a arte, com isso os escritores modernistas tinham liberdade para criar sem seguir padrões. Além disso, os autores viam a necessidade de formar uma cultura exclusivamente brasileira e reafirmar os valores nacionais, romper com a literatura europeia e valorizar costumes, valores e, acima de tudo, a realidade brasileira. No entanto, nesse momento, a influência europeia ainda estava presente, aspecto que foi combatido pela geração trinta. Mas é interessante observar que entre equívocos e acertos se buscava o caráter genuinamente brasileiro e o despertar para o país enquanto produtor de literatura nacional, fincada a partir do meio social e físico, era esse o projeto dos modernistas.

Mário de Andrade, um dos integrantes da Semana da Arte Moderna, conceitua bem esse movimento introdutório da nova fase literária ao dizer que, no Brasil, o movimento moderno ganhou forças e uma aderência cada vez maior. Tudo ainda era muito confuso, havia um tumulto de ideias, mas a certeza era de romper com o passado no sentido de não atender mais as antigas convenções.

Em Macunaíma, Mário de Andrade aplica esse ideal. Na citada obra percebe-se uma linguagem informal, próxima da falada no cotidiano; a forte presença do folclore brasileiro, a cultura indígena e uma mistura das vanguardas europeias, Dadaísmo,

Futurismo e Surrealismo, tudo disseminado no fazer literário da obra, que perpassa desde a forma ao conteúdo.

A semana da arte moderna, que deu início ao movimento modernista, foi realizada em São Paulo, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922; ano do centenário da independência. Dessa forma, os autores pretendiam elevar a arte feita no Brasil à altura da arte europeia e inserir nas obras os aspectos concernentes às vanguardas europeias.

Depois de entender um pouco sobre o que foi essa fase modernista na literatura brasileira, adentraremos à obra para compreender a presença dos aspectos sociais e como Andrade dá vida as peripécias do protagonista na rapsódia.

CONHECENDO A OBRA

Em Macunaíma temos uma breve história da formação do povo brasileiro. Macunaíma é o herói “sem nenhum caráter”, “preto retinto e filho do medo da noite”. Após se molhar em uma fonte ele fica branco; é o personagem principal e todas as ações ocorrem através dele. O protagonista vive com os dois irmãos, Jiguê, que simboliza a figura do índio, Maanape que simboliza a figura do negro e a mãe, a índia Tapanhumas, compõem uma comunidade em espaço amazônico; sobrevivem da caça, mas passam muitas necessidades.

Macunaíma vive exclamando o tempo todo “Aí que preguiça!”. Enquanto os irmãos caçam, ele fica em casa e ainda toma todas as namoradas do irmão Jiguê. Após a morte da mãe, eles viajam em busca de aventura, e nesse percurso ele encontra Ci que tem um filho com ele, mas ela e o filho morrem, depois que a cobra preta mama no peito de Ci. Antes de partir, ela deixa um amuleto com o herói, o Muiraquitã. É esse objeto que sustenta o restante da trama e a lembrança que Macunaíma guarda da mulher e por isso, perde o objeto, mas tenta recuperá-lo a todo custo.

Esse amuleto ocasiona a ida dele e dos irmãos para São Paulo, ele perde essa “pedra da sorte” e descobre que ela está com um gigante comedor de gente. Assim, seguem os três para São Paulo. Ao chegarem lá, há um estranhamento, um cho-

que quando se defrontam com a cidade grande, o contato com uma outra ‘civilização’, com os imigrantes e com a industrialização. Tudo isso mostra o momento por que passa o país, a Revolução Industrial, a vinda de europeus, o crescimento das cidades e, sobretudo, uma representação do contato das diferentes etnias e culturas, é notável o choque cultural:

De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncões esturros não eram nada disso não, eram, mais claxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. As onças pardas não eram onças pardas, se chamavam fordes hupmobiles chevroletés dodges mármons e eram máquinas. Os tamanduás os boitatás as inajás de curuatás de fumo, em vez eram caminhões bondes autobondes anúncios-luminosos relógios faróis rádios motocicletas telefones gorjetas postes chaminés eram máquinas e tudo na cidade era só máquina! O herói aprendendo calado. De vez em quando estremece. Voltava a ficar imóvel escutando assustando maquinando numa cisma assombrada. (ANDRADE, 2004, p.42)

Macunaíma segue no intuito de encontrar seu amuleto, chegando a ser morto pelo gigante Veneslau, mas, para sua sorte, o irmão Maanape, que é feiticeiro, cola os pedacinhos do corpo do herói, dando-lhe de volta a vida e assegurando na obra, entre outras perspectivas, a do fantástico.

Assim, Macunaíma continua na busca incessante pelo Muiraquitã, se veste de francesa para ir conquistar o gigante, mas é em vão; então ele resolve fazer ‘macumba’ para se vingar do gigante. Esse aspecto da macumba entra na obra como uma das variedades culturais uma vez que pertence aos rituais africanos.

Após muitas tentativas, ele finalmente consegue o Muiraquitã de volta e assim retorna para sua terra com os irmãos. No decorrer da história, Macunaíma cruza com a Vei Sol, que é a representação do sol, ela dá uma de suas três filhas para casar-se com Macunaíma, mas ele tem de ser fiel, no entanto o herói não mantém sua palavra e “brinca” com uma portuguesa enquanto a Sol se afasta, com isso, ele desperta a ira dela, que promete vingança. No final da obra, a Sol tem papel preponderante no destino do herói, pois quando este encontra-se sozinho, uma vez que seus irmãos já haviam morrido, e sente-se fatigado em meio ao mato, a Sol o faz sentir muito calor e com isso ir para o rio, onde a Iara chama-o, após muita hesitação ele se atira ao rio para “brincar” com ela e termina despedaçado e perde sua Muiraquitã. Ele vai para o céu e

vira a Ursa maior, mais uma lenda incorporada por Mário de Andrade. Ressalta-se que o fato de toda família do herói e ele próprio morrerem, remete ao processo de mortandade dos povos tradicionais (indígenas) que eram destruídos rapidamente e dos povos africanos que morreram em virtude dos maus tratos.

O PROCEDIMENTO ARTÍSTICO DE MÁRIO DE ANDRADE

Viktor Chklovsky, no ensaio “Arte como procedimento” (2013, p. 85), traz dois pontos muito importantes que são inerentes ao contexto artístico-literário e que, muitas vezes, nos passam despercebidos. Um desses pontos é: “A arte é o pensamento por imagens” e o outro é: “A arte antes de tudo é criadora de símbolos”. Muitas obras vão revelar esses pontos de formas diferentes, umas mais contundentes, outras mais sutis, mas todas comungam desses aspectos.

A obra aqui analisada tem na figura do protagonista Macunaíma, a imagem do Brasil. Lógico que de forma irônica e algumas vezes caricaturada, porém com expressividade e, ao mesmo tempo, muita simbologia e mitologia popular. Assim, o autor avança pelo sertão, passa pelas grandes cidades, envereda pelas comunidades indígenas, trazendo inúmeros aspectos culturais que pululam o imaginário brasileiro.

Macunaíma traz, de maneira muito forte, uma representação da cultura nacional negada em virtude do racismo ainda hoje presente. Mário de Andrade enriquece a sua criação quando incorpora diversos elementos, tais como o folclore, a forte presença dos mitos e lendas, a linguagem coloquial, a junção de culturas e a miscigenação do povo brasileiro. Ficcionalmente ainda cria ditos a exemplo da expressão “vá tomar banho!”, também o porquê de não podermos dormir em pé, – pois o sono seria uma espécie de vigília; cria a explicação para o carrapato querer se agarrar nas coisas, segundo ele, “carrapato já foi gente que nem nós”, tinha uma vendinha na beira da estrada e atraiu muitos devedores, então ele acabou com as negociações e resolveu andar colado na gente, como uma tentativa de receber o que tinha direito:

Carrapato já foi gente que nem nós... Uma feita botou

uma vendinha na beira da estrada e fazia muitos negócios porque não se incomodava de vender fiado. Tanto fiou tanto fiou, tanto brasileiro não pagou que afinal o carrapato quebrou e foi posto pra fora da vendinha. Ele agarra tanto na gente porque está cobrando as contas. (ANDRADE, 2004, P. 121)

Andrade incorpora a ironia à medida que compõe os fatos nessa narrativa e o efeito de humor está presente em toda obra, um aspecto comum em textos modernistas, bem como a liberdade na linguagem, que aparece recorrente na modalidade coloquial. Muitas discussões são fomentadas a partir da obra de Andrade, entre tantas podemos citar o descaso para com as nossas tradições, a importação de modelos socioculturais e econômicos, a discriminação linguística e étnica, a tentativa de negação da miscigenação na formação do país, bem como as perspectivas de uma múltipla culturalidade que oferece ao Brasil um aspecto identitário diferente o que desconstrói a visão de hegemonia pela sociedade.

Ponto forte no Modernismo, a linguagem aparece na obra de maneira diversificada e apresentada, visando contemplar os diversos modos de falares brasileiros. Proença (1974) comenta que Mário de Andrade e José de Alencar com as obras *Macunaíma* e *Iracema* valorizaram a construção de uma identidade na nossa linguagem. Para Proença: “A tentativa de um meio de expressão nacional tem os seus pontos máximos em Alencar e Mário de Andrade.” (1987, P. 59). Ele prossegue dizendo que esse aspecto se revela: “Porque ambos lutaram por uma língua nacional. Alencar, em notas a *Iracema*, cria termos, escolhe expressões novas, esboçando o que mais tarde Mário de Andrade havia de fazer, sistematizando o falar do povo.” (PRONÇA FILHO, 1987, P. 59)

Com uma linguagem simples e próxima do cotidiano, Mário de Andrade escreveu *Macunaíma*, permitindo ao leitor um contato com os personagens e com o escritor, como afirma Candido: “À prosa de ensaio, Mário levou a mesma liberdade, contribuindo para quebrar a solenidade e fazer dela um instrumento flexível e vivo, aproximando o leitor do autor, o que foi, de modo geral, uma conquista definitiva dos modernos.” (2001, p. 36)

A linguagem também é uma crítica ao Parnasianismo, que pregava “a arte pela arte”. Os modernistas rompem com esse modelo para arte escrita

e inovam com os seus versos e temas livres, cultivando sempre o tom irônico. Assim, muitos aspectos vão aparecer de modo direto e indireto na obra andradina para chegar ao ponto de representação do Brasil, quebrando com os aspectos hegemônicos, simples e objetivos de antes.

Em *Macunaíma*, observa-se que é no protagonista que o autor coloca um ponto crucial: o estranhamento, o inusitado, ao dar a ele formas, jeitos diversos e transportá-lo a lugares diferentes de maneira que recorre ao fantástico, já que tudo parece ser feito através de magias, objetos encantados como é o caso do Muiraquitã, seres exóticos e incríveis como o Gigante Venceslau, a Sol e a própria Ci que é um símbolo da natureza, da mãe terra, das terras brasis, exploradas e violadas pelos invasores assim como a Ci foi violentada por *Macunaíma* com ajuda dos irmãos. Nesse contexto, cabe destacar o que diz Chklovsky ao observar que:

... A finalidade da arte é dar uma sensação de objeto, como visão e não como reconhecimento: o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos, e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, em aumentar a dificuldade e a duração da percepção[...]. (CHKLOVSKY, 2013, p.91)

O romance *Macunaíma*, em princípio, parece um aglomerado de aspectos que vão se juntando para dar unidade e entendimento. Nem sempre é uma obra apreciada pelos leitores em geral, parece contraditória, imoral; isto é fruto da pouca compreensão da perspectiva do romance e dos procedimentos estéticos e estilísticos, pois a arte produzida por Mário, representa o modernismo através do estudo da linguagem, folclore e estudo do povo nacional tudo montado em uma rapsódia cujo protagonista é o elemento motriz de uma epopeia pelos “Brasis”, no início do século XX e de posse de todos os aspectos socioculturais que vão se revelando ao longo de sua saga. Sobre o procedimento de Andrade, Moraes observa que

Na composição de *Macunaíma* e em seus escritos críticos da época nota-se o cuidado rigoroso de efetuar o levantamento do material que torna possível traçar o perfil do Brasil. Era intenção de Mário de Andrade, em sua perspectiva analítica, ao justapor os variados elementos culturais presentes na esfera nacional, chegar à definição de um elemento comum que qualificasse todos como pertencentes ao mesmo patrimônio cultural. (MORAES, 1990, p.73)

Macunaíma, com suas contradições, é o reflexo do povo brasileiro. Outro aspecto importante é que,

apesar dos aspectos negativos do herói andradeano, e dos seus aparentes desvios de caráter, o autor também dá ao leitor um choque de realidade, mostrando a cara mística do país e reverberando os aspectos do desenvolvimento da época, como um projeto de valorização nacional. Segundo Proença, o herói Macunaíma é “uma condensação das características brasileiras, todos nós somos um pouco Macunaíma.” (1987, p.24). O crítico ainda comenta acerca do primeiro prefácio de Macunaíma escrito por Mário:

Tinha criado o herói como um ataque às desvirtudes nacionais, acumulando e exagerando os defeitos que reconhecia, sofrendo, no brasileiro. Acabou configurando um tipo nacional que, pela acumulação de baixeiras, o irritava. No prefácio fala amargo, violento, fora das normas de seu espírito tolerante. Decepcionar-se ao ver que o brasileiro não era o que ele queria que fosse, não era aquilo que o coração desejava, mas o que o raciocínio penetrante e culto e o sentimento de justiça descobriram: cheio de erros. (PROENÇA, 1987, p.6)

Mário de Andrade buscou através dessa obra, ainda pouco compreendida, representar um povo e uma cultura nacional brasileira que era fruto de uma mistura de povos, religiões, línguas, diversidades culturais e de profundas desigualdades econômicas. Nesse sentido, Martins afirma que a obra de Andrade:

Será, talvez, uma epopeia no modo irônico e não no modo épico. Além disso, é uma epopeia “simultaneísta” uma vez que dela o Tempo está excluído e, por consequência, a sucessão histórica. Macunaíma não é um personagem: é um símbolo. Não se pode comparar ao “astuto Ulisses”, como se pretendeu, pelo simples motivo de ser uma réplica nacional de um tipo folclórico, e não de um tipo literário. (MARTINS, 2002, p.206)

Andrade, um dos precursores do movimento modernista brasileiro, recorreu à arte para estampar defeitos e pontos positivos nacionais, e, através do protagonista Macunaíma, criou uma espécie de “povo brasileiro”, pois desenhou o personagem moldando-o aos costumes e características do povo brasileiro, criando, por meio da arte de escrever, um retrato cultural e moral da nossa nação. Assim, podemos considerar que Macunaíma é, por natureza, brasileiro, seja pelos aspectos físicos, sociais, artísticos e morais, tudo que o sentido do termo “brasileiro” nos permite alcançar.

Quando terminamos a leitura dessa obra, temos a sensação de viajarmos pelo Brasil, – ainda que figurativamente; conhecendo o povo, raça, regiões, culturas, lendas, religião, industrialização e as desigualdades sociais, uma vez que quando Macu-

naíma chega a São Paulo, somos colocados frente a frente com essas desigualdades. Em tudo isso notamos a intenção de representar as ideias artísticas do modernismo, pois Mário de Andrade desenha um perfeito projeto artístico modernista ao criar e desenvolver na sua narrativa todos os pontos/temas referidos acima.

Ao observarmos as questões sociais na obra, quando Mário cria esse personagem, “sem nenhum caráter”, não o faz apenas com a intenção de mostrar a falta de moral dos brasileiros, mas também a falta de identidade, somos um povo miscigenado que incorporamos, à força, a cultura portuguesa e alguns dos seus padrões. Macunaíma não se torna branco apenas por se tornar, mas para mostrar esse processo mútuo e forçado a que fomos submetidos com a chegada dos europeus e a mistura de raças.

Macunaíma é aquele que apronta com os irmãos, é egoísta, interesseiro e só quer se dar bem. Ao chegar na cidade, acha bonito o inglês e quer aprender, acha bonitas as damas bem arrumadas e perfumadas. Não é de maneira aleatória que Mário em um capítulo do livro intitulado “A francesa e o Gigante”, transforma Macunaíma em uma francesa para ir em busca do Muiraquitã e assim conquistar o gigante; tal passagem é uma crítica aos nossos gostos e valores, pois Macunaíma poderia se vestir como uma brasileira, mas não, ele opta pela francesa como uma forma de “valorizar mais o que é de fora”, assim, Mário de Andrade encontra uma forma de criticar a corrupção cultural da sociedade brasileira.

Ao mesmo tempo, Macunaíma também é crítico das coisas que o cerca; quando ele chega em São Paulo, nota a diferença entre as mulheres da cidade e as do mato, comenta que essas donas só brincam por dinheiro, só querem luxo. Diz ainda: “A máquina era que matava os homens, porém os homens é que mandavam na máquina. / “Os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram os homens”.

Mário de Andrade mostrou que ainda estamos presos a um certo modelo europeu, ainda não temos uma identidade própria e, muitas vezes, por escolha nossa. Mostrou também que somos dominados pelos meios que nos cercam, ao mesmo tempo que o avanço na tecnologia e indústria facili-

tam o nosso dia a dia, também nos tornam escravos delas; aparentemente, o homem acredita dominá-las, mas, sem se dar conta, torna-se refém das mesmas, Macunaíma percebe isso.

Mário traz um espelho da realidade; talvez, refletindo mais do que devia, indo além do que existia, ironizando problemas concretos, estampando outros mais latentes, exagerando um pouco a realidade, que, no entanto, não nos era nem um pouco estranha., Mário de Andrade transformou tudo isso em arte. Segundo Cândido:

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurar-lá de um lado nem de outro. (CÂNDIDO, 2006, p.13)

A literatura tem esse poder de transformar uma realidade em arte, exagerando-a. Para expor uma verdade para a sociedade, às vezes o autor pode até exagerá-la com o fim de fazer o público perceber determinada realidade, o que faz tal verdade perder o caráter de real e ganhar o status de arte.

Nesse caso, o autor teria o trabalho de deixar essa verdade nem tanto objetiva, tentando não perder a sua essência. Assim, não pareceria ser uma fantasia, nem uma mera criação artística para quem lê, ou ainda para quem não lê literatura e não conhece seu papel de denunciadora e representadora da realidade social, mas seria uma representação da realidade.

Todas as obras literárias trazem uma significação para os leitores, seja ele moralizador, denunciador, destruidor de doutrinas ou ainda criador de certos padrões, o fato é que a sociedade e seus desdobramentos conflituosos vão ser sempre matéria da obra literária. Cândido considera que “O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros” (CÂNDIDO, 2006, p.14). Se fôssemos procurar em Macunaíma tais elementos não seria difícil encontrá-los, pois eles aparecem entrelaçados e conferem significação geral à obra.

Macunaíma não tem caráter, e com isso representa a falta de identidade dos brasileiros, ele também reflete sobre as condições sociais daquele meio em que vive, pensa muito e fica “contrariado”,

chega a afirmar em uma carta para as Icamabas, “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são. “Uma crítica de Mário às condições de vida no Brasil e uma retomada irônica à carta de Pero Vaz de Caminha. Pelo lado religioso, Macunaíma frequenta o terreiro de macumba, em busca de conseguir se vingar do gigante que está com sua Muiraquitã. Apesar de não ter religião específica, Macunaíma se envolve com feitiçaria, nessa mesma passagem há uma inversão do pai nosso dos cristãos que é parafraseado com um pai nosso de terreiro, que evoca Exu. Veja-se que é uma forma de mostrar quão ligadas estão as culturas brasileiras e que uma não é melhor nem pior que a outra, há apenas diferenças de nacionalidades, mas em terras brasileiras elas se juntam ou, pelo menos deveriam se respeitar porque o povo é um só.

A nosso ver, Mário de Andrade ao trazer essa passagem mostra a diversidade que há nas crenças religiosas brasileiras, nós não temos apenas o evangelismo ou catolicismo, nem somos um povo formado apenas pela mistura de raças e culturas, mas de crenças também, todavia, isso nem sempre é mostrado nas obras literárias, e Mário de Andrade trouxe isso em Macunaíma. A respeito da religião de Macunaíma, Proença comenta que:

Quanto à religião, Macunaíma guarda as conveniências. Mário de Andrade, em comentário ao trabalho de Tristão de Ataíde, já criticara a pouca disposição nacional para o catolicismo. Chamou a atenção para o quase protocolar das nossas cerimônias religiosas, o nenhum estudo, a fé oscilante e frouxa, enfim, esse catolicismo de fachada tão nosso... Muitos brasileiros declaram que não têm devoção, criam para si uma classe especial: "católicos por tradição". Assim é Macunaíma, que não respeitava cunhãs nem mulher de companheiro, mas frequentava com aplicação "todas essas danças religiosas da tribo". Quando resolve ser devoto é a religião caraimonhaga a que ele escolhe. (PROENÇA, 1987, p.14)

Em Macunaíma, Mário de Andrade abraça as propostas modernistas em diversos aspectos, seja nos fazendo refletir sobre a prática da religião, seja por meio das lendas apresentadas, também, dos aspectos linguísticos que o coloca em consonância com o fazer literário modernista, ao trazer o falar popular para a obra literária, a fuga às normas gramaticais, a ausência de pontuação, concordância etc. Cândido (2006) comenta que:

Todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem

sempre transposto com felicidade. (CANDIDO, 2006)

Mário trouxe na sua rapsódia, história, cultura, mitos, lendas, e questões sociais, poderíamos considerar que Macunaíma reúne todos esses aspectos e poderia se constituir como fenômeno de civilização, considerando que Mário de Andrade tinha um projeto nacionalista.

Conforme Candido, determinar a influência dessas questões sociais nas características da obra, não é tarefa simples, mas nesse caso específico, o leitor ao mergulhar nas aventuras de Macunaíma não diria que é equívoco considerar que nessa obra os aspectos sociais interferem diretamente nas características essenciais da sua composição, pois a estrutura, a forma e o conteúdo contribuem para a significação da obra.

Um artista ao compor, ele pode até incorporar às suas vivências, mas como diz Candido, a arte pressupõe mais que isso, pois ela é uma comunicação expressiva. Assim, tem-se a presença dos fatores sociais, dos valores de determinada época. Passa a fazer parte da obra, o coletivo, que seria uma junção de diversos elementos externos que são introduzidos na obra, ao fazer isso, o autor perde um pouco do seu espaço. Candido (2006) afirma:

A obra exige necessariamente a presença do artista criador. O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador protótipo. (CANDIDO, 2006)

Segundo Candido, a obra não seria apenas fruto da iniciativa individual ou das condições sociais, ela surge das duas, pois ambas não se separam. Macunaíma representa essa definição à medida que Mário de Andrade partiu de uma iniciativa de romper com os padrões estéticos vigentes e buscou aprofundar-se no movimento modernista. Essa foi sua iniciativa individual, mas para criar sua obra modernista, ele estudou a sociedade e, assim, criou sua rapsódia, tais elementos não existem senão reciprocamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi visto, é possível dizer que Macunaíma é o herói que não tem caráter (identidade) e por isso representa o povo brasileiro. Percebemos que o personagem é um anti-herói, pois

não possui status de herói, em contraposição aos heróis românticos. Ele ainda representa a falta de identidade do povo brasileiro, como o próprio Mário enfatiza. Macunaíma “sem caráter” é o povo brasileiro não somente em termos de valores morais, mas no quesito de identidade própria, somos um povo sem caráter próprio, sem civilização e tradição próprias.

A respeito disso, somos convidados a refletir sobre a aparente contradição que o subtítulo apresenta: “o herói sem nenhum caráter”, pois para muitos o personagem de Mário pode receber todos os adjetivos depreciativos. O próprio Mário chamou atenção para a contradição do herói que “O caráter que demonstra num capítulo ele desfaz noutro”.

Macunaíma com todos os seus comportamentos desprezíveis e defeitos excessivos para uma única pessoa, é o retrato dos problemas que vemos no país, exagerados ou artisticamente trabalhados em um personagem para representar a nação no geral. Ao final da leitura, percebemos que Macunaíma não era mal, desprovido de caráter de todo, constatamos isso no final da narrativa. Segundo Proença: “Macunaíma antes de morrer se torna melancólico, triste de ver que não realizara nada. E aqui ele é bom e puro, paradoxalmente, ou melhor, justificando que fora puro, que os gestos de safadeza não o marcaram, pois fora levado pelos acontecimentos”. (1987, p.18)

Fazer uma leitura de Macunaíma sem associar ao projeto do Modernismo é um equívoco, pois não seria possível entendê-la, principalmente se quiséssemos entender qual seria o projeto do autor com essa obra, incógnita pouco decifrada por boa parte dos leitores pouco habituados com leituras assim.

O público leitor muitas vezes encontra-se acomodado a um padrão de arte, a um padrão de escrita, Mário de Andrade, ao criar Macunaíma, rompe com esse modelo de arte. A obra é escrita e destinada ao público, assim, temos essa relação: Autor-Obra-leitor, nessa tríade o leitor é importante na construção de sentido da obra, ele pode apreciá-la assim como pode depreciá-la, e fará isso baseado nos seus gostos e conhecimentos que, às vezes, representam um condicionamento social.

Nossos gostos nem sempre representam a nossa vontade, somos condicionados pelo meio em que

vivemos, a indústria cultural determina o que está na moda e o que não está, ainda que tenhamos a nossa essência, os fatores sociais exercem forte influência sobre nós.

Na maioria das vezes, a classe dominante, que se diz leitora, repudia algumas obras talvez por ignorar o verdadeiro propósito da arte ou por comodismo intelectual, que faz a grande massa enxergar obras como essa, artisticamente revolucionárias, incompreensível aos seus olhos ou, talvez, por não aceitar que cada um de nós é um pouco Macunaíma.

Referências

ANDRADE, Mário Raul Morais. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Livraria Garnier. Belo Horizonte-Rio de Janeiro, 2004.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. organizadores Antonio Candido. 9. ed. Rio de Janeiro: Digital Source, 2006.

_____. **Presença da literatura brasileira: história e crítica**. Edição: Antônio Candido end J. Aderaldo Castello. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CHKLOVSKY, Viktor. **A arte como procedimento**. org. Tzvetan Todorov. São Paulo, 2013.

MARTINS, Wilson. **A ideia modernista**. Edição: W. Martins. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras Topbooks, 2002.

MORAES, Eduardo Jardim de. **Mário de Andrade: retrato do Brasil**. org. Carlos E. O. Berriel. São Paulo, 1990.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, 1987.